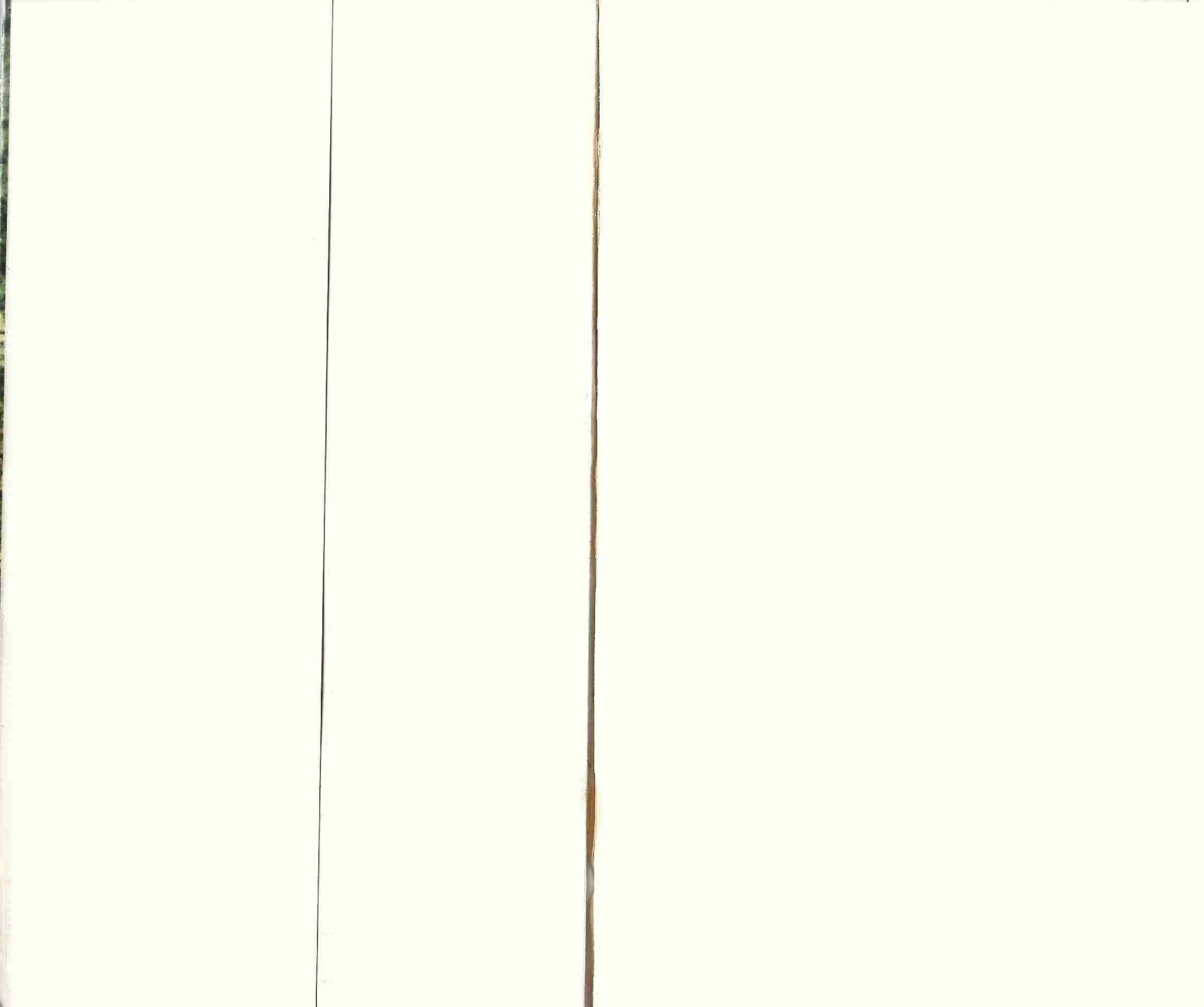


A scenic landscape featuring a river with rocks in the foreground, a bridge with a person walking on it in the middle ground, and a dense forest of tall trees in the background. The scene is bathed in soft, natural light, suggesting a peaceful outdoor setting.

FRANCISCO
CÂNDIDO XAVIER
Jair Presente

PONTO DE ENCONTRO

GEM



FONTES

Homenagem e gratidão a
Rolando Ramacciotti

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
JAIR PRESENTE

PONTO DE ENCONTRO

GRUPO ESPÍRITA EMMANUELS/C EDITORA
G.E.E.M.
1986

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Internacional (Câmara Brasileira do Livro,
SP, Brasil)

Presente, Jair (Espírito).
P937p Ponto de encontro / (pelo espírito de) Jair
Presente; (psicografia de) Francisco
Cândido Xavier. - São Bernardo do Campo,
SP: Grupo Espirita Emmanuel, 1986.

1. Espiritismo 2. Poesia brasileira
3. Psicografia I. Xavier, Francisco
Cândido, 1910 - II. Título.

86-0738

CDD-133.93
-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos psicografados: Espiritismo 133.93
2. Espiritismo 133.9
3. Poesia mediúnica: Espiritismo 133.93
4. Psicografia 133.93

Direitos autorais cedidos ao GEEM
Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora
Filiado à Câmara Brasileira do Livro
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2857
Telefone: (PBX) (011) 419-7122
Caixa Postal 888 - Telegramas: EMMANUEL
09850 - São Bernardo do Campo - SP
(C.G.C.M.F. nº 59.141.085/0001-70)

1ª EDIÇÃO
EDIÇÃO GEEM
1986

capa:
GESSÉ ALVES PEREIRA
diagramação:
VIVALDO DA CUNHA BORGES
produção:
WALTER MITTELSTAEDT

SUMÁRIO

PONTO DE ENCONTRO	13
VOTOS DE IRMÃO	17
HISTÓRIA DE JOÃO CÔCO	19
FOFOCAGEM.....	25
PAINEL DA TERRA.....	29
MUDANÇA DE OPINIÃO	31
AGITAÇÃO.....	35
HISTÓRIA DE JOÃO GANDOLA.....	39
O OUTRO LADO	45
LIÇÃO NA VIDA.....	47
TEORIA E PRÁTICA.....	53
CARNAVAL.....	57
LEMBRANÇAS DE COMPANHEIRO.....	59
PREGAÇÃO INÚTIL	61
PETIÇÃO NÃO MUITO PRÓPRIA	65

TRAÍRAS	69
PREÇO ALTO	73
CONSELHOS	77
ENSINAMENTO DA VIDA	79
POR ENQUANTO, NÃO	83
PORQUÊS	87

PONTO DE ENCONTRO

Prezado Leitor.

O nosso amigo Jair Presente é um produtor artístico em expansão.

*

Deu-nos, primeiramente,
uma “Loja de Alegria”. (1)
Construiu-nos, em seguida,
um “Bazar da Vida”. (2)
Trouxe-nos, logo após, uma
“Agência de Notícias”. (3)

NOTA: (1), (2), (3): Títulos de livros de Jair Presente, já lançados pelo GEEM. - Informação da Editora.

Oferece-nos, agora, o seu
“Ponto de Encontro”.

*

Temos aqui um livro de ensinamentos emoldurados de otimismo, em que o nosso companheiro relaciona casos, exemplos, anotações e apontamentos da vida para a nossa edificação espiritual.

*

Narrador de qualidades raras, de vez que consegue unir simplicidade e elevação, realidade e alegria, o Autor deste volume, sempre digno de nosso apreço, dispensa qualquer apresentação.

*

Neste “Ponto de Encontro”,
Jair fala e nos dispomos a ouvi-lo, a fim de observar e pensar.

EMMANUEL
Uberaba, 27 de março de 1986

VOTOS DE IRMÃO

Meu amigo, aqui te exponho,
Sem pretensão de ensinar,
Alguns perigos do mundo
Que nos compete evitar.
Deus te livre das propostas
De criatura matreira,
De palavrão desatado,
De pessoa alcoviteira.
De cachaça onde ela esteja,
Seja no bar ou na festa,
De peixe deteriorado,
De comida que não presta ;
De conversa atravessada,
De discussão ou querela,
De carro na contra-mão,
De caminhão na banguela ;

De qualquer promessa mole,
 De todo ajuste que empaca,
 De paixão pelo baralho,
 De sombras da urucubaca...
 Contra os males que te aponto,
 Nunca vi qualquer vacina;
 Só vejo a prece com fé
 Na Providência Divina.

HISTÓRIA DE JOÃO CÔCO

O sitiante João Côco,
 Na Roça do Sapecado,
 Certo dia, amanheceu
 Francamente obsedado.
 Ele era solteirão,
 Tão sóbrio quanto esquisito,
 Pois João acordou aos pulos
 Dando berros de cabrito.
 Aquela perturbação,
 Dolorosa e repentina,
 Não aceitou tratamentos,
 Zombou da própria morfina.
 Levado a um grupo de preces,
 Pelo médium, veio um Guia...
 João explicou-lhe, chorando,
 Tudo aquilo que sentia.

O protetor ouviu, calmo,
 E depois falou-lhe: - “João,
 Você ficará curado,
 Porém, sob condição!...”
 — “Qual é?” — perguntou, aflito,
 O pobre amigo João Côco —
 “Ouço vozes que me acusam,
 Vejo monstros, vivo louco!...”
 O Guia expressou-se amigo
 Com palavras meditadas:
 — “Todos temos inimigos
 Das existências passadas...
 Já plantamos sobre a Terra
 Muita luta e sofrimento...
 Colhemos os resultados
 Nas provações do momento.
 Se você quer se curar,
 Busque novas esperanças...
 Dê tudo quanto tiver
 Em socorro das crianças...”

Totalmente renovado,
 João fala, exalta, elucida;
 Às crianças sem amparo
 Cederia a própria vida.
 No grupo dos companheiros
 Começou logo a sonhar:
 Faria uma casa grande
 Para os meninos sem lar.
 Cinco anos se passaram,
 Mas João Côco nada fez,
 Se questionado a respeito,
 Dizia apenas “talvez...”
 A irmã, senhora Cecina,
 Veio a ele interrogar:
 — “João, e a casa das crianças,
 Quando é que vai começar?”
 Replicou-lhe o sitiante:
 — “Espero o auxílio do Além,
 A obra é de capital
 E as cousas não andam bem.”

Em resposta ao questionário
 Do jornalista Aristeu,
 Disse João: “a seca é grande,
 Todo o meu gado morreu.”
 Logo após, veio a pergunta
 De Dona Clara Maria;
 Apertado, falou João
 Que a casa demoraria.
 Relacionando o problema,
 Confessou ao Nicolau:
 — “Estou pobre e sem recursos,
 Vivo à laranja e mingau...”
 Trinta janeiros se foram...
 João Côco, em vida folgada,
 Não atendeu a ninguém,
 Nem procurou fazer nada.
 Mas, um dia, a obsessão
 Voltou a João e ele, aflito,
 Pulava sem direção,
 Berrando que nem cabrito.

O caso se complicou,
 O enfermo sempre tremendo
 Viu chegar outra doença
 E João acabou morrendo...
 Depois de muitos estudos,
 Vieram as conclusões:
 João Côco deixou ao léu
 Setenta e cinco bilhões.

FOFOCAGEM

O Centro da Caridade
Prosseguia eficiente.
Muito serviço prestado,
Atraindo muita gente.
A médium da direção
Era Emília Sabugosa;
Trabalhava com prazer,
Missionária generosa.
Fosse qual fosse o problema
De doutrina ou de família,
Na hora do justo acerto,
Chamava-se Dona Emília.
Certa noite, veio a médium,
Discretamente a chorar...
Todo o grupo fez silêncio,
Respeitando-lhe o pesar.

Em afastado recanto,
 Amiga atenta lhe fala,
 Era Dona Conceição,
 Procurando confortá-la.
 — “Emília, que tem você?”
 Pergunta-lhe Conceição;
 Em pranto, responde a médium:
 — “Não sei viver sem Janjão!...”
 Conceição nada mais disse.
 Chocada, tomou assento;
 O esposo de Dona Emília
 Chamava-se Antônio Bento.
 Quem era aquele Janjão?
 Algum amante escondido?
 Aquele choro da médium
 Não encontrava sentido...
 Começou a fofocagem...
 Conceição falou com Joana,
 Joana falou com Jandira,
 Jandira com Tatiana.

Tatiana, impressionada,
 Transmitiu tudo ao marido
 E o marido, em confiança,
 Falou da ocorrência a muitos,
 Mostrando-se confundido...
 O assunto estendeu-se longe,
 O clima fez-se de brasa,
 Quase todos os amigos
 Abandonaram a casa.
 Com ofício ou sem ofício,
 Exigiram demissão,
 Retirou-se, compungida,
 Até Dona Conceição.
 No Centro da Caridade,
 Sempre cheio e luzidio,
 Pregava-se, agora, às moscas,
 No salão triste e vazio...

Inteirando-se do caso,
 O senhor Antônio Bento,
 Convidou muitos amigos,
 A fim de falar a todos
 Do estranho acontecimento.
 Noite marcada, vieram
 Adolescentes e adultos,
 Muitas jovens enfeitadas,
 Senhoras e amigos cultos.
 No momento do discurso
 Para a justa explicação,
 A médium desapontada
 Ergueu-se e mostrou Janjão;
 Era um cachorro doente,
 Seu fila de estimação.

PAINEL DA TERRA

A sua pergunta é clara,
 Meu caro Altino Segundo:
 De que modo sinto aqui
 Os sofrimentos do mundo?
 Recorde você: a morte
 Nenhum prodígio me traz,
 Desencarnado me vejo
 O mesmo pobre rapaz.
 Sondo a imensa luta humana...
 Será ela a dor dos povos,
 No parto longo e difícil
 Dos sonhados tempos novos?
 Em toda parte, é a pressão
 Da chamada “guerra fria”
 E a violência lembrando
 Treva densa que se amplia...

Adultos desesperados,
 Delinqüência juvenil
 E o tóxico caminhando
 De forma oculta e sutil.
 As mortes por acidentes
 Sejam na Terra ou no Ar,
 Pelos irmãos que nos chegam
 Ninguém consegue contar.
 Anoto as calamidades:
 Terremotos e vulcões,
 Ciclones e tempestades,
 Abortos e provações.
 A dor é a justa resposta
 Do que já se fez de mal
 E o problema nos atinge
 Na Vida Espiritual.
 Você não queira “morrer”
 Na idéia de descansar,
 Serviço aqui onde estamos
 É pedreira de amargar.

MUDANÇA DE OPINIÃO

Comerciante abastado,
 Era Sizino Vicente,
 Cidadão morigerado
 E filho de boa gente.
 A esposa, Dona Zenite,
 Já lhe dera dois petizes;
 Os quatro eram quatro amores
 Sempre unidos e felizes.
 Era Sizino homem sério
 Mas vivia de “olho vivo”;
 No entanto, era um companheiro,
 Moralista e prestativo.
 Andando em compras e vendas,
 Em tudo fazia o bem,
 Mas segundo matrimônio
 Não suportava em ninguém.

Se algum amigo viúvo
 Buscasse o novo regalo
 De um segundo casamento,
 Eis Sizino a espinafrá-lo:
 — “Em problemas de família,
 Comigo não tem ‘talvez’,
 Não tolero homem viúvo
 A se casar, outra vez.
 Homem de nova união,
 A meu ver, nunca se apruma,
 Há mulheres e mulheres,
 Mulher-esposa é só uma...
 Nesta matéria da vida,
 Nunca achei quem me conteste;
 De segundo matrimônio
 Não surge cousa que preste.”
 No entanto, após algum tempo,
 A esposa dona Zenite,
 Morreu quase, de repente,
 Num caso de meningite.

Novo tempo de trabalho
 Começou para Vicente;
 Estrada rude e espinhosa
 De uma vida diferente.
 Era o negócio a zelar,
 Era a panela a ferver,
 Meninos choramingando,
 Gente gritando a valer;
 Os erros de toda hora
 De uma empregada recruta,
 Vicente vivia tonto,
 Cansado de tanta luta.
 Certo dia, olhou a casa
 De uma senhora vizinha,
 Cuja filha, bela jovem,
 Tinha o nome de Quinquinha...
 Vicente não vacilou
 Na decisão de um momento,
 Foi falar à linda moça
 E pedi-la em casamento.

Após o ajuste bem feito,
 Notando-lhe o novo passo,
 Velho amigo veio vê-lo
 A fim de dar-lhe um abraço.
 O amigo disse: “Vicente,
 Você mudou, desde quando?”
 Ele apenas respondeu:
 — “Eu, agora, só casando...”

AGITAÇÃO

Nosso irmão Silva Teixeira
 Pediu-nos fraternalmente
 Dar-lhe atenção e assistência
 Na viagem que faria
 Em visita ao pai doente.
 Não vacilamos no assunto,
 Fui ao nosso diretor.
 — “Algum apoio ao amigo?
 Vai, sim!... — nos disse o mentor.”
 Encontrei-me com Teixeira
 Junto à esposa Dona Alcina,
 Num ônibus que largava,
 Vencendo a chuva mofina.

A máquina em movimento
 Formava rajadas frias...
 A viagem do casal
 Seria apenas dois dias.
 Às onze da noite em ponto,
 Com biscoitos a granel,
 A dupla desceu, entrando
 Em velho e pequeno hotel.
 A luz se fez no aposento
 Que lhes fora reservado...
 Acomodaram-se os dois,
 Deitando-se, lado a lado.
 Instantes depois, um grito
 Ressoava estranho e feio...
 Dona Alcina retirara
 Uma barata do seio.
 Teixeira não descansou,
 Pois a esposa reclamava,
 Xingando a roupa do hotel,
 Em pranto se lastimava.

No outro dia, Teixeira
 Observou, tristemente,
 A morte rondando a casa
 Na face do pai doente.
 À noite, foi novo trampo;
 Dona Alcina, num berreiro,
 Clamava que muitas pulgas
 Mordiam-lhe o corpo inteiro...
 Gritava, humilhando o esposo:
 — “Não tens o berço que julgas,
 Esta casa em que nasceste
 É um pardieiro de pulgas...”
 Manhã seguinte, o irmão Silva
 Encomendou condução,
 Voltariam para a casa,
 Sem qualquer baldeação.
 Chegaram ao lar, à noite;
 Dona Alcina, muito ativa,
 Falava: — “Agora estou salva!
 Agora, sim, estou viva...”

Nem pulgas e nem baratas,
 Quero somente o que é meu,
 Bendita seja esta casa,
 A casa que Deus me deu...
 Meu sogro? que Deus o cure,
 Não tomarei nova estrada,
 Desejo a paz do meu canto...
 Tranqüilidade e mais nada.”
 Mas passadas duas horas,
 A pobre rolou no chão,
 Seguindo para o hospital,
 Picada de escorpião!...

HISTÓRIA DE JOÃO GANDOLA

Era um problema difícil
 O caso de João Gandola,
 Não desejava trabalho,
 Vivia pedindo esmola.
 Diziam os moradores
 No Roçado da Carriça,
 Que João era, quando moço,
 O retrato da preguiça.
 Perdera os pais muito cedo,
 E dizendo-se doente,
 Rogava de porta em porta,
 Pão guardado ou caldo quente.
 Pediam-lhe bons amigos:
 — João, procura trabalhar.
 Ele apenas respondia:
 — Quando eu puder, vou pensar.

Dona Maria das Dores,
 Amiga sincera e justa,
 Dizia-lhe: — João, devemos
 Caminhar à nossa custa.
 Após ouvi-la, Gandola
 Entrava na choradeira:
 — Sou pobre e ando doente,
 Sofrendo de batedeira.
 De quando em quando, ia à porta
 Do médico Lino França
 E o diálogo entre os dois
 Nunca sofria mudança.
 — João, você quer um prato?
 — Eu aceito, sim senhor...
 — E um copo de vinho fraco?
 — Bebo, sim, quero doutor.
 — Você quer a sobremesa?
 — Um pouquinho para mim...
 — João, você toma café?
 — Bebo sempre, tomo sim...

Depois de ligeira pausa,
 Eis o amigo a perguntar:
 — Gandola, você precisa,
 Da bênção de trabalhar.
 Eu já pude examinar,
 você tem o corpo são...
 Por que fugir do serviço
 Esmolando sem razão?
 João chorava e esclarecia:
 — Muito triste é a minha sorte...
 Sou fraco, vivo doente,
 Trabalho? Prefiro a morte.
 Passa o tempo e João agora
 A ninguém pede, nem chama,
 Todo esticado em lençóis,
 Nunca mais saiu da cama.
 O povo na caridade
 Levava-lhe leite e pão,
 Chá, café, comida pronta
 Que às vezes queria ou não...

Um dia, corre a notícia,
 Do catre quebrado e torto,
 João descambara no chão
 E todos acreditaram
 Que Gandola estava morto.
 Vendo a penúria de João,
 O amigo Antônio Gualberto
 Deu-lhe um caixão de presente,
 Mas um caixão descoberto.
 O médico estava ausente.
 Quinze horas de velório.
 A ordem para a saída
 Partiu de Neca Gregório.
 O cortejo ia seguindo,
 Quando um amigo da roça,
 Falou a Neca em voz baixa,
 Mesmo encostado à carroça:

— Neca, peça a parada
 Do povo, no funeral.
 Mas explicou-se, solene,
 Não faço isso por mal.
 Aproximou-se do corpo,
 E falou, mais para ver:
 — Gandola, se você vive,
 Escute o que vou dizer:
 O sitiante Leonardo
 Da Fazenda Fonte Limpa,
 Mandou-lhe uma doação,
 Um saco de arroz supimpa.
 Ante a surpresa do povo,
 Falou João, com certo enfado:
 — Primeiro, eu quero saber,
 Se esse arroz está pilado...
 — Esse arroz está com casca...
 Disse Neca descontente.
 E João ainda exclamou
 — Não quero! Vivo doente.

O povo estava aterrado
 Ante aquele quadro sério
 E Gandola acentuou:
 — A ter de socar arroz
 Quero estar no cemitério...
 Muitos amigos fugiram,
 Com grande medo de João...
 Poucos ficaram nas alças,
 No transporte do caixão.
 Esses poucos colocaram
 Gandola na terra fria
 E eu que me punha de lado,
 Pensando em tudo o que via,
 Fui olhar o amigo João
 Muito cedo no outro dia.
 O pobre, fora do corpo,
 Chorava e se maldizia,
 E eu mesmo muito espantado
 Achei João desencarnado,
 Sofrendo paralisia.

O OUTRO LADO

Na Terra, se via um quadro
 Do suplício de Jesus,
 Perguntava o que haveria
 No outro lado da cruz.

Lado avesso? O que seria?
 O esconderijo de alguém?
 Alguma espada a esperar
 O Mestre do Eterno Bem?

Passei no mundo guardando
 Na ocupação mais travessa,
 Essa estranha inquisição
 Que me agitava a cabeça.

Perdi o corpo na morte...
 Nova estrada, novo abrigo,
 E a pergunta sem resposta
 Ficou vibrando comigo.

Um dia, ouvindo um mentor
 Em generosa lição,
 Transmiti-lhe, de repente,
 Minha antiga indagação.

Ele me disse: “Jair,
 Reflita, busque pensar...
 O outro lado da cruz
 É o nosso próprio lugar.”

E acentuou: “quem quiser
 Sair do plano comum,
 Sofrer e servir com o Cristo
 É o ponto de cada um.”

LIÇÃO NA VIDA

Nos estudos do Evangelho,
 Estava Joaquim Sarmiento,
 Que falava à grande turma
 Em torno ao desprendimento.
 — “Dinheiro — dizia ele —
 É a causa de muitas provas,
 Somos almas devedoras
 E quando o dinheiro é muito,
 Fazemos dívidas novas.
 Estamos em paz, às vezes,
 Contentes na obrigação,
 Mas se há moeda de sobra,
 Lá vem atrapalhação...”

Conservemos nossas almas
 Humildes e desprezadas,
 A fortuna é mais trabalho
 E um perigo em nossas vidas.”
 Nisso, um telefone toca...
 Chamado para Joaquim.
 Ele fala, gesticula,
 E depois do entendimento
 Regressa para a cadeira
 Em que se senta por fim...
 Encerrada a reunião,
 Anuncia, calmamente,
 A morte do avô materno,
 Antônio Joaquim Sarmento.
 Mas Joaquim estava outro,
 Tinha a cabeça aprumada,
 Parecia até mais moço,
 Iria para o velório,
 Sorrindo e falando grosso.

Explicou aos companheiros:
 — “A notícia está no rádio,
 Contou-me antigo vizinho,
 Agora, sim, vejo claro
 A mudança em meu caminho...
 De lutas, ando cansado,
 A vida não é moleza,
 Adeus, oficina velha!...
 Renasci!... Adeus, pobreza!...”
 Meu avô deixa-me, inteira,
 A Fazenda dos Pilões
 E depósitos bancários
 No valor de cem milhões!
 Após o sétimo dia
 De enterro do falecido,
 Quero comprar a mansão
 Do Coronel João Garrido...
 Tenho vizinhos gatunos,
 Muita gente de má fé;
 Não merecem tolerância,
 Mas desprezo e pontapé...

Mas o Guia esclareceu:
 — “Joaquim, eleva ao Senhor
 A luz do seu pensamento,
 Há muita vida esperando
 O rico vovô Sarmiento.
 Na sua prosa de ontem,
 Notamos o seu progresso,
 A sua contradição
 Foi um primor de insucesso!
 Enquanto você pensar
 Na importância do dinheiro,
 Seja em papel ou metal,
 Por instrumento de dor
 Ou por agente do mal,
 Qual se você fosse louco,
 Do dinheiro necessário,
 Você terá muito pouco...”

TEORIA E PRÁTICA

João Cota chamou o filho,
 Conhecido por Joãozinho,
 E passou a prepará-lo
 Para as lutas do caminho.
 Estava perto, na mesa,
 Uma garrafa aprumada,
 Com líquido claro e leve
 Sobre toalha bordada.
 O pai falou ao rapaz:
 — “Ouça o que vou lhe dizer:
 O líquido à nossa frente
 É o veneno do prazer.
 Foi garapa açucarada
 De cana que se cultiva,
 Passou por transformações
 E agora é uma “cousa viva”.”

Foi muito doce, mas hoje
 É fogo na vida humana,
 Tem o nome de aguardente,
 Cachaça, pinga, umburana...
 Dizem que vem de mandraca,
 É vapor de algum feitiço,
 Tomba a pessoa na rua,
 Tira o homem do serviço.
 Creio que vem do demônio
 Que anda em canaviais,
 Furta a mulher do marido,
 Separa o filho dos pais..."

O pai calou-se um momento,
 Mas voltou com voz segura:
 — "Prometa, meu filho, agora,
 Não beber essa loucura."

Joãozinho explicou-se, humilde:
 — "Pai, o seu verbo é uma lei!...
 Dessa praga na garrafa
 Não quero, nem beberei..."

Houve silêncio entre os dois,
 Mas o pai de mão alçada
 Baixou-a, certa na pinga,
 E enguliu à talagada.
 O moço aflito, pergunta:
 "Meu pai, o que vejo eu?
 Esse líquido é veneno
 E, acaso, o senhor bebeu?"

O velho desapontado
 Falou, de cara amarela:
 — "Sim, filho, a pinga é um veneno
 Mas não sei passar sem ela."

CARNAVAL

Irmã, você nos consulta
Se, acaso, existe algum mal
Em ver por fora e por dentro
A festa do carnaval.
Nunca esperei tal pergunta
Nem sei dizer sim ou não,
Porquanto, estando entre os homens,
Quis sempre ser folião.
Ir ver a festa somente,
Acompanhar a arrelia,
Pode ser refazimento
Na carência de alegria.
Carnaval? De modo algum
Importa que você vá;
Apenas é bom saber
O que você quer por lá.

LEMBRANÇAS DE COMPANHEIRO

Não te amarrotas por nada.
Guarda calma e vida sã;
Se tens queixas para hoje
Espera por amanhã.
Muito se fala em coragem,
Mas, passando no atoleiro,
É que a pessoa conhece
Quem, de fato, é cavalheiro.
Amor infeliz? Esquece
Quem te despreza ou te escacha;
Dinheiro, fumo e burrice
Em qualquer parte se acha.
Uma lição de verdade
Que muita gente não manja:
Não há varada no galho
Que amadureça a laranja.

Recorda esta, na vida:
Em matéria de afogar,
Morre mais gente no copo
Do que nas águas do mar.

PREGAÇÃO INÚTIL

O pregador Adão Silva,
Em certa reunião,
Tratava só de virtude
Com rigorismo e paixão.
Enfileirava palavras
Nas imagens nebulosas,
Condenando o que chamava
Por vidas pecaminosas.

— “O sexo, meus irmãos,
Dizia com voz segura,
É lasca acesa do inferno
No corpo da criatura.
Todo cuidado é preciso,
Mesmo em nota mais à-toa,
No contato natural
Com toda e qualquer pessoa.

Numa frase pequenina,
 Aparece tentação
 E com ela surge logo
 O fogo da perdição.”
 Velho amigo lhe dizia:
 — “Adão não use rigor,
 Em tudo o que você diga
 Sobre a vida e sobre o amor.
 Perdoe-me se assim lhe falo,
 Mas ouça, meu companheiro,
 Neste mundo, com freqüência,
 Tenho encontrado o feitiço
 Contra o próprio feiticeiro.”

Adão falava, pedante:
 — “Meu trabalho levo a cabo,
 Hei de provar sobre a Terra
 Que o corpo é obra de Deus,
 Mas sexo é do diabo.”

Sucede que apareceu
 Entre os ouvintes de Adão,
 A morena Graziela.
 Vinte anos de beleza,
 De elegância e distinção.
 Ao vê-la da vez primeira,
 O pregador assustado,
 Balançava sem controle,
 Inquieto e baratinado.
 Desde esse dia, Adão Silva
 Revelou-se com mais fúria,
 Sobre o poder do pecado.
 De soslaio, via, às vezes,
 Graziela a acompanhá-lo...
 Para enxergá-la, a contento,
 Ei-lo em pequeno intervalo.
 Logo após, esbravejava
 Comentando Lúcifer,
 E dizia que a paixão
 Era assunto de mulher.

Destacava exortações
 Com sadismo estranho e cru,
 Afirmando que os encantos
 Que nasciam da mulher
 Provinham de Belzebu.
 Por fim, gritava orgulhoso
 Que não tinha verbo errôneo,
 Que ele clamava por Deus
 Para afastar o demônio.

Um dia, porém, chegou
 Em que o choque aconteceu,
 O pregador rigoroso
 Nem de longe apareceu...
 A assembléia surpreendida
 Procurou por Graziela...
 Nesse instante, é que se soube
 Que, no trem da madrugada,
 Adão fugira com ela.

PETIÇÃO NÃO MUITO PRÓPRIA

Dos companheiros de grupo,
 Era ele o pedinchão,
 Solteiro, aos trinta, seu nome:
 Benedito Salomão.
 Quando chegava o momento
 Do Guia comunicar-se
 Ei-lo a rogar, compungido,
 Sem reserva e sem disfarce:
 — “Irmão Pinheiro, recorda
 Os assuntos de meu caso,
 O meu problema difícil
 Vem sofrendo grande atraso...”
 O guia escutava, atento,
 Ao modo de homem antigo...
 Depois, falava, sereno:
 — “Muita calma, meu amigo!...”

No entanto, em sessão seguinte,
 Eis Salomão no clamor:
 — “Irmão Pinheiro, lembra!...
 Ampara-me, por favor.”
 O Guia fitava as mãos
 E os pobres de olhar aflito,
 Em seguida, replicava:
 — “Mais calma, Irmão Benedito...”
 Pinheiro era servidor
 Da tarefa semanal;
 E Salomão prosseguia:
 — “Irmão, estou muito mal...”
 O Guia explicava a todos
 Que a provação quando vem,
 É socorro antecipado
 Para o nosso próprio bem!
 Entretanto, Benedito
 Em gemidos sempre iguais,
 Clamava: —“Pinheiro amigo,
 Tem dó! Não agüento mais!...”

Em uma sessão tranqüila,
 Revelou-se o Irmão Pinheiro:
 — “Benedito, eu fui na Terra
 Pequeninino sapateiro...
 Agora, estou aprendendo
 Sobre socorro e doença.
 Não tenho a telepatia,
 Não percebo o que se pensa...
 O que sofres, assim tanto?
 Enfermidade, tristeza?
 Há professores no Além,
 Amparando a natureza...”
 Mas Salomão respondeu:
 —“Eu não tenho um mal qualquer!...
 Quero a cura de meu corpo,
 Não sei passar sem mulher...”

TRAÍRAS

É uma estória de ficção,
Que atiro hoje no ar,
Um simples caso de peixes
E uma lição de pensar.
Traíra bastante idosa
Nadava forte e serena,
Fazendo-se acompanhar
Por uma filha pequena.
A mãe-traíra dissera
Para a traíra-menina:
— “Filha, é preciso aprender
As lições que a vida ensina.
Hoje, vamos rio abaixo,
Evite lixo e barrela,
Siga sempre junto a mim,
No máximo de cautela.”

Depois, falou das lembranças
 De queridas companheiras,
 De excursões em dias claros,
 De flores e cachoeiras.
 O passeio ia tranqüilo
 E eis que a dupla se apoquentá,
 Vendo um pedaço vermelho
 De carne sanguinolenta.
 A traíra mais idosa
 Mostrou-se muito assustada,
 Pedindo, porém, à filha
 Que ficasse acomodada.
 Em seguida, lhe falou:
 — “Ouça, calma e fique arisca!...
 A carne que estamos vendo
 Tem nome: chama-se isca.
 Dentro dela, existe um chuço
 Que tem o nome de anzol.
 Um punhal curvo e cruel
 Que se vê, à luz do sol.

Atrás dele fica um homem
 Que o governa com mão forte,
 Espalhando em nossa águas
 Terríveis quadros da morte.
 Já vi muitos companheiros
 Pelo anzol, sendo arrancados
 E há quem diga que depois
 São eles estraçalhados.
 Agora, fuja, filhinha,
 Cheiro de carne extravasa...
 Seja traíra correta,
 Vivendo dentro de casa.”
 Em seguida, foi à isca...
 Disse à filha: “Saiba disto:
 Esta carne em sangue é linda!...
 Sou traíra e não resisto.”
 Passou a comer a isca,
 Bocada para bocada,
 Mas quando caiu no anzol
 Logo, logo, foi pescada.

A filha voltou a sós,
A recordar mãe-traíra,
Pensando no que escutara
E meditando o que vira.

PREÇO ALTO

O Coronel Arquimino,
Abastado fazendeiro,
Dispunha de muitas glebas,
De dinheiro e mais dinheiro.
Era, porém, avarento
Em tão extensa medida,
Que conservava em sacolas
Qualquer resto de comida.
Fizera-se conhecido
Por homem mau e seguro,
Sempre citado no povo
Por “Arquimino Pão Duro”.
Quatro fazendas no campo,
Bela mansão na cidade,
Detestava dar esmolas,
Criticava a caridade.

Certo dia, na varanda,
 Alegrou-se entre amigos,
 Dizendo quanto odiava
 Os pedinchões e os mendigos.
 Nisso, estaca junto à escada
 Que dava acesso à varanda,
 O aleijado Joaquim Bola,
 Que se arrasta e diz que anda...
 — “Seu” Coronel Arquimino —
 Falou Joaquim com respeito:
 — Peço ao senhor algum pão,
 Minha fome não tem jeito...
 Já procurei na cidade
 As casas, uma por uma,
 Rogando auxílio e socorro,
 Não achei comida alguma...
 Arquimino, enraivecido,
 De cima, disse a Joaquim:
 — Saia já de minha porta
 Ou eu mesmo lhe dou fim.

Você se faz de aleijado
 Pedindo dinheiro e pão,
 No entanto, você não passa
 De vagabundo e ladrão.
 — Ah! Coronel, não me afronte,
 Clamou o pobre Joaquim —
 Não minto... sou aleijado,
 Desde o berço, eu sou assim...
 — Você inda me responde?
 — Gritou o dono da casa —
 Meu pontapé dá lições...
 Você vai ver minha brasa.
 Em fúria, espantando a todos,
 Passou a descer a escada,
 Mas logo, ao segundo lance,
 Caiu, de perna quebrada.
 Abeiraram-se os amigos...
 As cenas ficaram feias;
 Toda a perna estava em sangue,
 No rompimento de veias.

Carregado, em altos gritos,
Foi levado a um hospital,
Sofreu longa operação
E anestesia geral.
Foi assim que o Coronel
Que negou alguns tostões,
Sarou e voltou à casa,
Mas pagou trinta milhões.

CONSELHOS

Você me pede conselhos,
Meu caro Joaquim Belém,
Mas ainda estou mambembe,
Não posso guiar ninguém.
A morte não é prodígio,
É tão-só ato de lei.
Continuo a ser Jair,
Apenas desencarnei.
Notando a sinceridade
Que o seu pedido traduz,
Peçamos, nós dois, ao Céu
Equilíbrio, paz e luz.
Fujamos da esnobação
Que vem de cabeça oca,
Conservemos com cuidado
Muita cautela na boca.

Para fazer bem aos outros,
Cultivemos ação pronta,
Esquecendo tudo aquilo
Que não é de nossa conta.
Eu não posso dar conselho...
Estou criando juízo;
Qualquer conselho que eu dê,
Estou dando o que preciso.

ENSINAMENTO DA VIDA

João perdera muita terra
Para um antigo agiota;
Ninguém continha a expansão
Do Coronel Mendes Mota.
João provara ser o dono
Das terras surripiadas,
Cem alqueires de pastagens
Com excelentes aguadas.
Mendes Mota comprou ágil,
Muitas dívidas de João.
Fez cobrança, a prazo curto,
Depois fez a execução.
Notando-se espoliado,
O moço reclama e berra,
Mas não teve outro recurso
Senão entregar a terra.

Revoltado e entristecido,
 Falava contra a mentira
 E jurou matar um dia
 O homem que o perseguira.
 O pai dizia-lhe: "Filho,
 Perdoe!... Nós somos cristãos,
 O terreno quando é nosso
 Volta sempre às nossas mãos.
 Não tente matar ninguém...
 Escute os conselhos meus,
 Sabemos que a morte é certa,
 Mas deve chegar de Deus."
 João ouvia com desprezo
 A palavra paternal,
 No entanto, ficava o mesmo
 De pensamento no mal.
 Surgiram complicações.
 Junto da esposa Mariana,
 Mendes Mota recolheu-se
 À doce vida praiana.

No tato que possuía,
 Comprou formosa mansão,
 Vivia de juros altos,
 Com muito dinheiro à mão.
 Depois de dezoito meses,
 É que João foi procurá-lo;
 Após seis dias de busca,
 Conseguiu vê-lo, de estalo.
 Mendes jantava entre amigos,
 No maior prazer do mundo,
 Bebia vinho, à vontade,
 Comendo no prato fundo.
 Em seguida às saudações,
 João lhe pediu o endereço;
 Mendes com alto requinte,
 Convidou-o a visitá-lo
 Na própria manhã seguinte.

No outro dia, muito cedo,
 João, com raiva e desconforto,
 Atingiu-lhe a casa cheia...
 Ali, velava-se um morto.
 Muito pálido, guardava
 A arma pronta e engatilhada;
 Soube, então, que Mendes Mota
 Morrera de madrugada.

POR ENQUANTO, NÃO

Trouxe-me o ano passado
 A última e linda prova:
 Pois completei dez janeiros
 À luz da existência nova.
 Sou enfermeiro de jovens,
 Que foram “pinta travessa”,
 Com muita preocupação
 E muita dor-de-cabeça.
 Surgiram, porém, amigos
 Com bonita tentação:
 Desejam voltar ao mundo
 Em nova reencarnação;
 E convidaram-me, atentos,
 De modo claro e gentil,
 A partilhar-lhes a empresa,
 Marcada para o “dois mil”.

Formarão equipe nobre
 De paz, amor e união,
 Doando ao progresso humano
 Mais luz e renovação.
 Não lhes dei pronta resposta,
 Deixei o assunto no ar...
 Para um pedido a mentores
 Era justo meditar.
 Não queria decisão
 Apressada ou discutida;
 Precisava ver a Terra
 Em novo padrão de vida.
 Desci pelo fio forte
 De minha grande saudade
 Para a terra generosa,
 Que é sempre “minha cidade”.
 Vaguei por ruas e praças...
 Tudo beleza seleta...
 Mas vendo a lista de preços,
 Fiquei um tanto pateta.

Apartamento pequeno,
 Mais de cem mil no aluguel,
 Quantia de mês, contada
 Em compromisso e papel.
 Gasolina, cada litro,
 Quase quatro mil cruzeiros;
 Cafezinho, uma fortuna,
 Se tivermos companheiros.
 Seis mil o preço do arroz,
 Preço do óleo enlatado;
 Três mil, o preço do açúcar,
 Que se mostre refinado.
 O leite, sempre subindo,
 Parecia tal “barato”
 Que se a vaquinha soubesse,
 Fugiria para o mato.
 Vendo tanta carestia,
 Concluí, pensando mais:
 O que seria de mim?
 Que seria de meus pais?

Busquei os caros amigos,
 Falando-lhes sem alarme
 Que, em vista da carestia,
 Não queria reencarnar-me.
 — “Que é isto, Jair?” — disseram.
 “Preços mudam cada hora,
 Com tempo, tudo evolui,
 No tempo, tudo melhora.”
 — “Nosso grupo de trabalho
 Completa-se com você...”
 Falou Vitório, um amigo,
 — “Agora, fazer o quê?”
 — “Então” — respondi tranqüilo
 A meu amigo Vitório:
 — “Vocês voltam para a Terra,
 Eu fico no Purgatório.”

PORQUÊS

Releio as suas perguntas,
 Meu amigo Rivarol:
 — “Porque o Planeta é uma esfera,
 Girando em torno do Sol?
 Porque o mundo é dividido
 Em diversos continentes?
 E as raças? Como entender
 As línguas e as outras gentes?
 Porque Deus criou a cobra,
 A pulga, a mosca e o leão?
 Porque há homem doente
 Ao lado de homem são?
 Porque Deus criou a rosa
 Em meio de tanto espinho?
 O que faz a tartaruga
 Avançar devagarinho?”

— Meu prezado Rivarol,
 Eu não sei. E é uma pena...
 Embora desencarnado,
 Tenho a cabeça pequena.
 Pergunta ainda você:
 — “Porque há crentes e ateus?”
 Mas, amigo Rivarol,
 Quem sabe tudo é só Deus.

LIVROS EDITADOS PELO GEEM
 (ATÉ 31 DE JULHO/86)

MAIS LUZ
 Batuíra

BÊNÇÃO DE PAZ
 Emmanuel

CHICO XAVIER
 PEDE LICENÇA
 Espíritos Diversos

NATAL DE SABINA
 Francisca Clotilde

NA ERA DO
 ESPÍRITO
 Espíritos Diversos

ASTRONAUTAS DO
 ALÉM
 Espíritos Diversos

BEZERRA, CHICO E
 VOCÊ
 Bezerra de Menezes

DIÁLOGO DOS
 VIVOS
 Espíritos Diversos

INSTRUMENTOS
 DO TEMPO
 Emmanuel

JOVENS NO ALÉM
Espíritos Diversos

CAMINHOS DE
VOLTA
Espíritos Diversos

AMANHECE
Espíritos Diversos

SOMOS SEIS
Espíritos Diversos

TINTINO... O
ESPETÁCULO
CONTINUA
Francisca Clotilde

CRIANÇAS NO
ALÉM
Marcos

MOMENTOS DE
OURO
Espíritos Diversos

CHICO XAVIER EM
GOIÂNIA
Emmanuel

FALOU E DISSE
Augusto Cezar

INSPIRAÇÃO
Emmanuel

CALMA
Emmanuel

SINAIS DE RUMO
Espíritos Diversos

URGÊNCIA
Emmanuel

DEUS AGUARDA
Meimei

VIDA NO ALÉM
Espíritos Diversos

VIAJORES DA LUZ
Espíritos Diversos

AUGUSTO VIVE
Augusto Cezar

PAZ E ALEGRIA
Espíritos Diversos

NASCER E
RENASCER
Emmanuel

FILHOS VOLTANDO
José Roberto Pereira
da Silva
José Roberto Pereira
Cassiano

ADEUS, SOLIDÃO
Espíritos Diversos

ENTES QUERIDOS
Espíritos Diversos

SEGUINDO JUNTOS
Espíritos Diversos

VENCERAM
Espíritos Diversos

RECADOS DA VIDA
Espíritos Diversos

MAIS PERTO
Emmanuel

OS DOIS MAIORES
AMORES
Espíritos Diversos

VIDA NOSSA VIDA
Espíritos Diversos

QUANDO SE PRETENDE
FALAR DA VIDA
Roberto Muszkat

CONFIA E SEGUE
Emmanuel

PRESENÇA DE LUZ
Augusto Cezar

NOVAMENTE
EM CASA
Espíritos Diversos

LOJA DE ALEGRIA
Jair Presente

ESPERA SERVINDO
Emmanuel

NESTE INSTANTE
Emmanuel

BAZAR DA VIDA
Jair Presente

MONTE ACIMA
Emmanuel

VIAJARAM MAIS CEDO
Espíritos Diversos

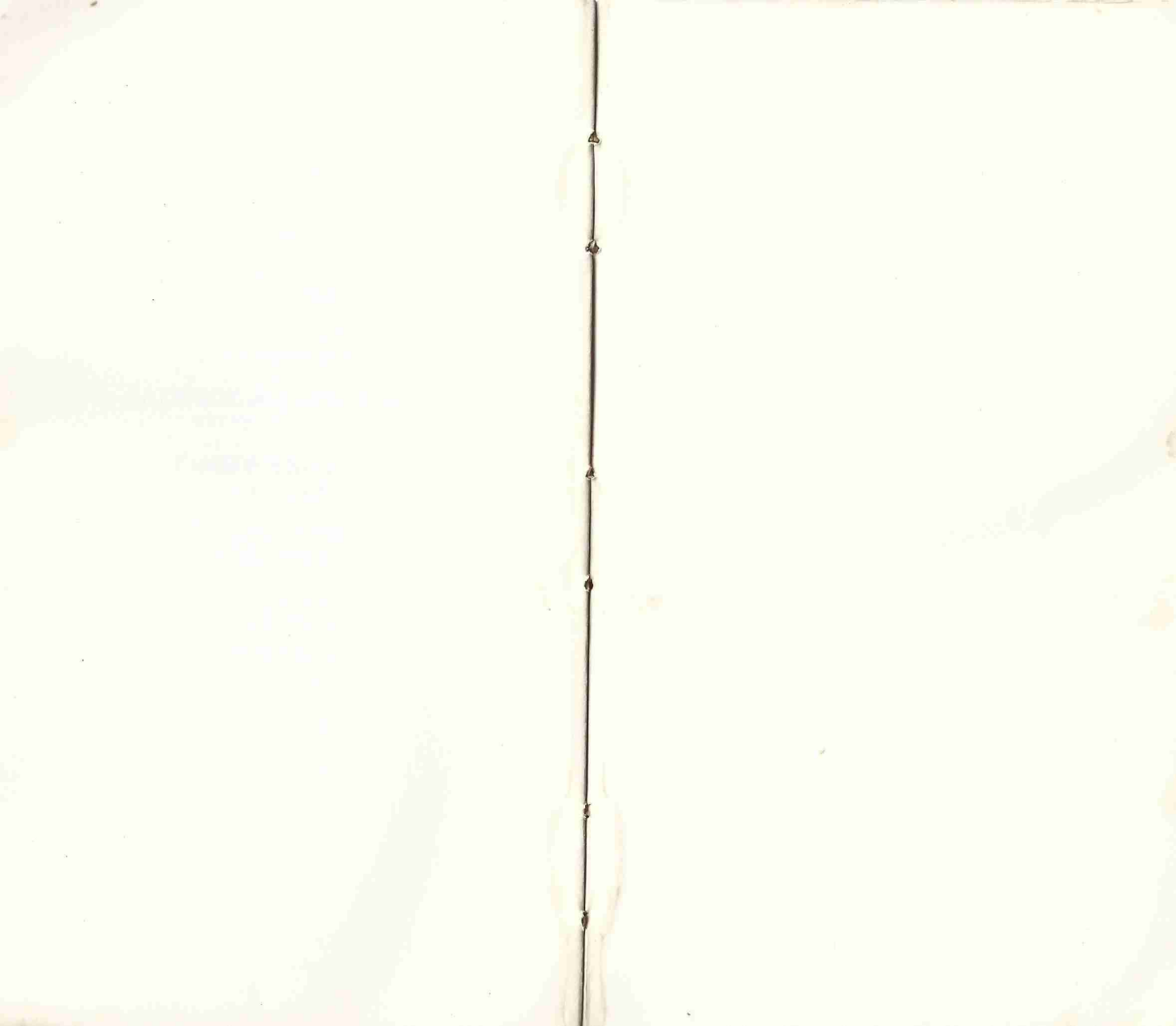
FESTA DE PAZ
Espíritos Diversos

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS
Jair Presente

LUZ E VIDA
Emmanuel

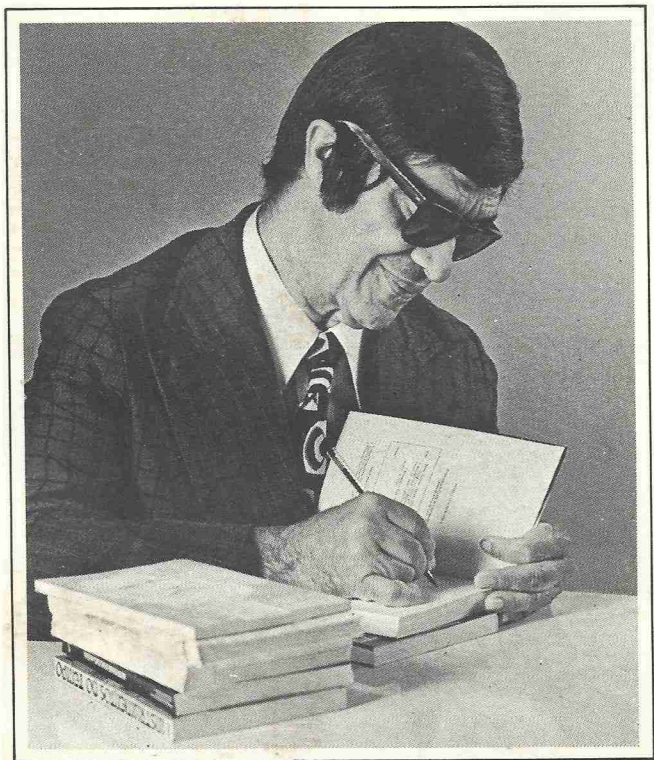
RECONFORTO
Emmanuel

PONTO DE
ENCONTRO
Jair Presente





Impresso per
W. Roth & Cia. Ltda.



GRUPO **GEM**
ESPÍRITA
EMMANUEL S/C EDITORA

Avenida Humberto de
Alencar Castelo Branco, 2857
Telefones: (D.D.D.: 011)
443-5888 PBX - Caixa Postal 888
Telegramas: "EMMANUEL"
CEP 09700 - SÃO BERNARDO
DO CAMPO - SP